

Moda íntima feminina: impacto na saúde da mulher

Milena Sabrina Cardoso¹

Daiane de L. Toledo²

RESUMO

O presente estudo analisa a percepção das mulheres sobre o uso de calcinhas confeccionadas em algodão em comparação às peças produzidas com tecidos sintéticos, considerando os impactos dessas escolhas no conforto e na saúde íntima. O objetivo consiste em compreender como as usuárias relacionam o tipo de tecido ao bem-estar e quais fatores influenciam suas decisões de compra. A pesquisa utilizou abordagem mista e aplicou um questionário aberto a mulheres residentes em Jaraguá do Sul (SC), com perguntas fechadas e abertas que permitiram identificar padrões de consumo, preferências e experiências associados aos materiais utilizados na moda íntima. Os resultados, obtidos a partir das respostas de 161 participantes, indicam que a maioria reconhece o algodão como o tecido mais adequado ao uso diário, porém as *lingeries* sintéticas permanecem predominantes na decisão de compra devido à maior variedade de modelos e ao apelo estético encontrado no mercado. Neste sentido, o estudo evidencia a necessidade de ampliar o design de calcinhas de algodão que integrem saúde, conforto e estética, atendendo de forma mais completa às demandas do corpo feminino.

PALAVRAS-CHAVES

Moda íntima. Algodão. Saúde. Tecidos sintéticos. Conforto.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a moda íntima feminina carrega consigo uma narrativa que vai além da funcionalidade de proteção, refletindo os valores, tabus e a posição social da mulher em cada época. Desde os espartilhos do século XVI, estruturas rígidas que moldavam o corpo aos ideais de beleza vigentes, até a liberação proposta pelo século XX com a invenção de novos tecidos e silhuetas, a *lingerie* sempre foi um artefato cultural complexo. No cerne dessa evolução, a busca pelo equilíbrio entre conforto, saúde e estética tem sido uma constante, mesmo que, em diversos momentos, a pressão por adequação a padrões estéticos se sobrepusesse ao bem-estar corporal.

A moda íntima feminina, para além de seu caráter estético e identitário, exerce influência direta na saúde e no bem-estar das mulheres. Entretanto, observa-se que, em muitos casos, a escolha dos tecidos pode não receber a mesma atenção que aspectos estéticos, o que tende a favorecer modelos cuja aparência se sobressai ao cuidado íntimo. Estudos evidenciam que *lingeries* confeccionadas com fibras sintéticas podem comprometer a saúde vaginal, uma vez que retêm calor e umidade, criando condições favoráveis à proliferação de fungos e bactérias (Ferreira, 2019; Santos, 2021). Em

¹ Design de moda (2025), Instituto Federal de Santa Catarina, milena.sc10@aluno.ifsc.edu.br

² Mestra em Design (UFSC), Docente EBTT - IFSC, campus Jaraguá do sul - Centro.

contrapartida, o algodão, por suas propriedades naturais de absorção e ventilação, permite maior equilíbrio da microbiota genital, configurando-se como uma alternativa mais saudável (Girald, 2005; Oliveira; Franco; Santos, 2021).

Apesar das vantagens das *lingeries* de algodão, especialmente calcinhas, a sua presença no mercado ainda é limitada e, em muitos casos, associada a modelos considerados pouco atrativos ou desconfortáveis. Essa percepção contribui para que muitas mulheres priorizem aspectos estéticos em detrimento da saúde íntima (Brás, 2016). Soma-se a isso o fato de que muitos dos hábitos e orientações relacionados aos cuidados com a higiene feminina são transmitidos socialmente, de mães para filhas, entre amigas ou mesmo por influências midiáticas, e nem sempre possuem fundamentação científica. Essas crenças, que se perpetuam ao longo do tempo, acabam moldando escolhas que podem impactar negativamente o bem-estar, dificultando a adoção de alternativas mais saudáveis, como o uso de tecidos naturais (Marques; Lugão, 2022).

Diante desse contexto, a problemática que norteia esta pesquisa pode ser sintetizada pelas seguintes questões: a) Quais são os impactos na saúde feminina percebidos pelo uso de peças íntimas confeccionadas em tecidos sintéticos em comparação às de algodão? e b) Quais são os fatores que influenciam as escolhas das usuárias em relação a esses materiais?

Para responder a essa questão, o estudo busca analisar como as usuárias percebem o uso de calcinhas confeccionadas em algodão em comparação às produzidas com fibras sintéticas. Para isso, investiga-se, por meio de um questionário *online*, as percepções e motivações que influenciam a escolha entre o algodão e os tecidos sintéticos.

A justificativa para a realização deste estudo está na relevância social e acadêmica do tema, visto que a moda íntima feminina é um segmento que envolve não apenas a estética, mas também o bem-estar e a saúde das mulheres. A predominância de *lingeries* sintéticas e a limitação de modelos de calcinhas de algodão que integrem estética, conforto e acessibilidade revelam a pertinência de uma análise mais aprofundada.

Metodologicamente, esta pesquisa caracteriza-se pelo uso da abordagem mista, conforme proposta por Creswell (2010), que integra dados quantitativos e qualitativos com o intuito de proporcionar uma análise mais ampla e aprofundada do fenômeno estudado. A investigação foi desenvolvida por meio da aplicação de um questionário *online*, elaborado na plataforma *Google Forms*, e contou com a participação de 161 mulheres residentes em Jaraguá do Sul (SC), com idades entre 18 a 75 anos. Os dados quantitativos foram organizados em gráficos, permitindo observar alguns padrões nas preferências relacionadas aos tecidos das peças íntimas, enquanto as respostas qualitativas foram examinadas com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), possibilitando compreender de forma mais sensível às percepções das participantes sobre a relação entre a escolha dos tecidos das calcinhas, o conforto e a saúde íntima feminina.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Moda Íntima: Conceito e Funções Culturais

A moda íntima compreende as peças de vestuário que ficam em contato direto com a pele, oferecendo conforto, proteção e suporte ao corpo. No contexto feminino, esses itens também têm a função de sustentar o busto e acolher a região da vulva, contribuindo para

evitar a transferência de umidade e secreções naturais para as roupas externas (Queiroz; Rocha, 2013).

Conforme Jones (2005, p. 24), estudiosos da cultura material e da teoria do vestuário estabeleceram quatro finalidades fundamentais para as roupas: "utilidade, decência, indecência (ou seja, atração sexual) e ornamentação". A dimensão da decência relaciona-se ao recato, ao ocultamento da nudez e à proteção, enquanto a indecência volta-se à potencialização da sensualidade. No cenário contemporâneo, observa-se que as consumidoras buscam peças íntimas que atendam a ambas as finalidades, inclusive adotando-as como vestimentas de exteriorização. Esta prática, contudo, frequentemente pode negligenciar a função protetiva original, podendo gerar inconvenientes e desconfortos físicos.

Embora os termos sejam comumente tratados como sinônimos, "roupa íntima" e "*lingerie*" carregam conceitos distintos. Enquanto a primeira privilegia a decência e o pudor, a segunda orienta-se pela sensualidade e sedução (Jones, 2005). A *lingerie* valoriza o design e a estética, contrastando com a roupa íntima, que prioriza a funcionalidade e o desempenho prático. Neste sentido, Scott (2013, p. 11) afirma que "a *lingerie* é fundamental porque revela e ao mesmo tempo esconde, transformando de imediato um corpo nu em algo infinitamente mais sexy e sedutor".

Alves e Martins (2018, p. 461) contextualizam historicamente que "apesar da roupa ter surgido na pré-história, as vestes íntimas foram mais fortemente adotadas durante a idade média. Todavia, sua popularização é um fenômeno do século XX". A trajetória da moda íntima reflete diretamente a construção social do corpo feminino ao longo das diferentes épocas, funcionando como veículo de mensagens culturais e espelho dos valores vigentes em cada período histórico.

2.2 Trajetória Histórica da Moda Íntima

Atualmente associada à sensualidade, a moda íntima percorreu uma trajetória marcada por convenções sociais e transformações culturais. Conforme Scott (2013), o vestuário sempre funcionou como espelho de questões, refletindo desde ideologias políticas predominantes até valores sociais, nacionalismo, tensões de gênero e outros aspectos do inconsciente coletivo. A definição do que é considerado feminino ou masculino em cada sociedade serve como mecanismo de atribuição de papéis e posicionamento social.

Sena (2011) identifica os primeiros registros de vestimentas íntimas ainda no período pré-histórico, com o uso de tangas. Evidências arqueológicas revelam que por volta de 3300 a.C., nos Alpes Tiroleses, um corpo preservado pelo gelo utilizava uma tanga confeccionada em couro. Scott (2013) complementa que, em 1600 a.C., a estatueta da deusa minoica das serpentes já exibia uma espécie de espartilho, presumivelmente metálico (Figura 1). Curiosamente, não há indícios de patriarcado na sociedade cretense, que possivelmente era governada por mulheres.

Figura 1 – Deusa minoica das serpentes e seu espartilho



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Snake_goddess_archmus_Heraklion.jpg

Na Roma antiga, as mulheres utilizavam faixas para sustentação mamária e na cintura, além de túnicas íntimas. Com a transição para a Idade Média e a ascensão da Igreja após o declínio do Império Romano, houve uma significativa redução na variedade de peças íntimas (Scott, 2013).

Fossem mulheres ou homens, não era comum o uso de qualquer peça que se assemelhasse a uma roupa íntima de suporte, embora ambos os gêneros usassem túnicas de linho que iam até os joelhos, no caso dos homens, e até os tornozelos, no caso das mulheres (Scott, 2013, p. 23)..

Durante o Renascimento, os homens adotavam ceroulas - similares a calça, com amarração na cintura e panturrilha, dotadas de abertura frontal para necessidades fisiológicas (SENA, 2011). As mulheres utilizavam chemises combinadas com saias, enquanto espartilhos de tecido rígido começavam a moldar silhuetas com cinturas estreitas e quadris amplos, realçando a fertilidade (scott, 2013).

A partir do final do século XV, segundo Scott (2013), consolidou-se o uso de estruturas rígidas destinadas a moldar o corpo feminino, como espartilhos, stomachers confeccionados com tecidos enrijecidos, barbatanas de madeira, *crinolinas*³ e o *farthingale*⁴, armação utilizada sob as saias para ampliar seu volume. A evolução desses elementos resultou, posteriormente, no corset acolchoado com barbatanas, peça que marcou

³ Crinolina é uma armação de estrutura rígida.

⁴ Farthingale (ou vertugado) é uma estrutura de armação, geralmente com aros ou círculos.

profundamente a construção da silhueta feminina ao longo dos séculos (Scott, 2013; Souza; Giongo; Heinrich, 2011). Em contraste com essa longa trajetória das estruturas corporais, a calcinha possui uma história relativamente recente, eles explicam que esse item íntimo só começou a ganhar relevância por volta de 1800, quando teve sua primeira oportunidade de se inserir de forma efetiva no vestuário feminino.

A virada do século XVIII trouxe avanços tecnológicos cruciais: máquinas de fiar e o descaroçador de algodão democratizaram o acesso aos tecidos, permitindo produção em massa de peças íntimas. Até então, as mulheres não utilizavam peças inferiores separadas, recorrendo a combinações de saias longas, anáguas, *corsets* e chemises. O uso de calcinhas era socialmente condenado como imoral.

O marco inicial da calcinha contemporânea ocorre durante a Revolução Francesa, com o advento dos vestidos fluidos e as "pantalonas" calças na altura do tornozelo folgadas adotadas por mulheres fashionistas francesas. Somente em 1830 as mulheres passaram a adotar ceroulas (Hawthorne, 1991; Souza; Giongo; Heinrich, 2011).

Na revolução francesa a luta pelos direitos femininos. Paralelamente à Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, muitas mulheres abandonaram espartilhos construtivos em favor de vestidos de musselina. A invenção da máquina de costura possibilitou ornamentação elaborada e modelagem diversificada das calcinhas. Hawthorne (1991) observa que, quanto maior o controle das mulheres sobre suas vidas, mais sedutoras se tornavam suas vestimentas.

Por décadas, sutiãs e calcinhas permaneceram obscuros, substituídos por corselets e calções. As peças íntimas apresentavam aberturas posteriores com botões de linho para necessidades fisiológicas, confeccionadas em linho, algodão, cambraia, musseline, popeline e chita. Versões em seda com babados, rendas manuais e laços caracterizavam as classes abastadas (Hawthorne, 1991).

Braga (2012) destaca o ápice do espartilho no período 1890-1900, quando o ideal de beleza ditava cinturas com apenas 40cm de diâmetro (Figura 2). Este período testemunhou tensões entre a repressão corporal e movimentos pela liberdade e saúde feminina.

Figura 2 - Espartilhos



Fonte: publicado por Maria Helena em 3 de outubro de 2015:
<https://eravitoriana.wordpress.com/2015/10/03/mitos-e-verdades-sobre-o-espartilho-no-corpo-da-mulher-no-seculo-19/>

O século XX inaugurou a era do sutiã, acelerada pela Primeira Guerra Mundial. A necessidade de metais para produção bélica motivou o abandono dos espartilhos. A inserção feminina no mercado de trabalho demandou maior conforto e liberdade de movimentos, enquanto a redução da criadagem burguesa incentivou corpetes simplificados (GARCIA, 2010). O primeiro design de sutiã foi patenteado por Mary Phelps-Jacobs em 1914 (Figura 3).

Figura 3 - Mary Phelps-Jacob e o primeiro sutiã



Fonte: autor desconhecido, 1922
<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?search=Mary+Phelps-Jacob&title=Special%3AMediaSearch&type=image>

Hawthorne (1991) associa a influência de Hollywood na moda íntima, com mulheres buscando emular suas atrizes favoritas através da atenção à saúde, beleza e aparência. Os anos 1920 introduziram um ideal andrógino, com cabelos curtos e vestidos retos. As calcinhas transformaram-se nas "calçolas da vovó", enquanto as flappers popularizaram *camiknickers*, combinações de camisola com calcinhas até os joelhos (Figura 4).

Figura 4 - *camiknickers*



Fonte:

<https://www.alamy.com/stock-photo-frilly-french-knickers-56741216.html?imageid=6BE5491D-4115-4C5A-9C5C-59BAE3B938F6&pn=1&searchId=e7629515b662422dd0cc6d44f9507468&searchtype=0>

Scott (2013) explica que, durante a Segunda Guerra Mundial, a estética pin-up ganhou força e, junto dela, a popularização da *lingerie* de apelo sensual. No período pós-guerra, porém, as mulheres foram incentivadas a retomar o espaço doméstico e a aderir novamente ao padrão feminino considerado ideal, caracterizado por uma silhueta bem marcada. O modelo de “dona de casa” passou a ser amplamente promovido pelos meios de comunicação, funcionando como mecanismo de controle social. Nesse contexto, muitas mulheres utilizavam cuecas ou calcinhas inspiradas no estilo francês, adornadas com bordados, estampas, babados de nylon e renda (Hawthorne, 1991).

A mulher de 1940 era magra, mas com quadris arredondados e busto pontudo e curvilíneo. Ela teve a ajuda de um novo tipo de sutiã com copas pespontadas e frequentemente cones reforçados. Durante a década de 1940, o busto subiu com a moda do *sweater* que se agarrava para o torso (Barbier; Boucher, 2000, p. 33).

A tanga existe desde 1946 oferecida pela loja *Fredericks* em Hollywood, junto a várias outras peças íntimas ousadas para a época. Foi na década de 1950 que a roupa íntima, os sutiãs em sua maioria, deixaram de ser apenas uma roupa "de baixo", para ser também considerada uma roupa externa. Logo, passou a ser feita em variadas estampas e cores, assim como as calcinhas. Também foram experimentados novos tecidos, como

spandex e *rayon*. O Wonderbra⁵ Ficou muito famoso, sendo um sutiã realçador com aro. A invenção da meia-calça também marcou a época (Hawthorne, 1991; Scott, 2013, Barbier; Boucher, 2000).

Os anos 1960 foram marcados por profundas transformações culturais, especialmente no que diz respeito à liberdade corporal e à moda feminina. Com a popularização das saias à altura das coxas, dos decotes mais profundos, das blusas transparentes e das calças *saint tropez*, as peças íntimas acompanharam esse movimento e passaram a diminuir de tamanho para se adaptar às novas silhuetas. Além das mudanças estéticas, essa década também ficou conhecida pela simbólica “queima de sutiãs”, frequentemente associada às reivindicações feministas por liberdade e contra padrões de repressão impostos ao corpo feminino (Diamantino, 2018). Esse conjunto de fatores mostra como a *lingerie* passou a refletir um momento histórico de contestação e de busca por autonomia.

Como explica Braga (2007, p. 77), “nos anos 1970, aparecem os sutiãs rendados e a transparência das roupas íntimas em peças anatomicamente desenhadas e em materiais aderentes e confortáveis, à base de fios de elastano na composição têxtil”. As calcinhas comestíveis também começaram a ser um sucesso no começo dos anos 70 em Chicago com os empresários David Sanderson e Lee Brady, chamadas de *Candy pants*. Em 1984, o designer de moda Calvin Klein popularizou as suas cuecas comumente brancas feitas para homens e mulheres (Hawthorne, 1991).

O apelo principal da moda íntima ao longo dos séculos esteve associado ao recato, ao conforto, à qualidade e à durabilidade. Contudo, de acordo com Oliveira (2014), foi ao longo do século XX que ocorreram as transformações mais expressivas nesse segmento. Nesse período, as mulheres abandonaram os espartilhos e incorporaram o sutiã ao vestuário, e novas tecnologias como: náilon e a lycra, possibilitaram ampliar as opções de peças íntimas, tornando-as mais leves, funcionais e variadas. Ainda segundo a autora, a partir da década de 1970 a sensualidade passou a ganhar espaço como um novo requisito, acompanhando mudanças culturais e comportamentais; as calcinhas de cintura baixa passaram a acompanhar o jeans *saint-tropez*, refletindo essa nova estética (OLIVEIRA, 2014).

Nas décadas seguintes, especialmente em 1970 e 1980, a *lingerie* consolidou-se como um item de forte apelo sexual, deixando de ser apenas uma peça funcional. O uso de regatas e maiôs como roupas externas por artistas como Madonna e Cyndi Lauper ilustra essa transição. Ao final dos anos 1980, o modelo fio dental ganhou grande notoriedade, tornando-se um dos estilos mais difundidos até a atualidade.

Com o avanço das tecnologias têxteis, a variedade de modelagens, materiais e funcionalidades tornou-se ainda maior. Souza, Giongo e Heinrich (2011) destacam que a evolução dos tipos de *lingeries* atingiu um nível em que hoje é possível encontrar peças sem costura, com rendas elaboradas, confeccionadas com tecidos inteligentes que hidratam a pele, possui ação antibacteriana e até versões comestíveis. Essa multiplicidade demonstra como a moda íntima passou a abarcar não apenas aspectos estéticos, mas também inovações funcionais e sensoriais.

Atualmente, convivem diferentes estilos, da calcinha de cintura alta pin-up ao sutiã Wonderbra, passando pela tanga, pelo fio dental, pelas cuecas boxer femininas e por uma ampla variedade de tamanhos, modelagens e fibras. Evidenciando a diversidade e a pluralidade que caracterizam o mercado contemporâneo.

⁵ Wonderbra era um tipo de sutiã com aros e que oferecia um efeito "*push-up*", elevando e realçando os seios.

2.3 Materiais Têxteis utilizados para a moda íntima

A tecnologia têxtil tem evoluído de forma significativa, impulsionando o desenvolvimento de materiais capazes de atender às necessidades específicas do vestuário (SENAI, 2014). A cadeia produtiva, composta por fiação, tecelagem, acabamento e confecção, envolve diferentes etapas e setores complementares, como maquinários, corantes e aviamentos, todos influenciando as características finais do produto (Pezzolo, 2007; SENAI, 2014). No segmento da moda íntima, essa integração torna possível a criação de peças que equilibram conforto, elasticidade, durabilidade e estética, fatores essenciais para artigos de uso diário como calcinhas.

Entre os materiais mais utilizados destacam-se tanto fibras naturais quanto químicas, aplicadas de acordo com suas propriedades e finalidades. O algodão, por exemplo, é reconhecido pela respirabilidade e conforto, enquanto fibras como poliamida e poliéster são valorizadas pela elasticidade, toque suave e versatilidade (SENAI, 2014; Kuasne, 2008). O elastano, quando adicionado em pequenas proporções, contribui para o ajuste ao corpo. De acordo com Giongo (2012), malhas de algodão, microfibras de poliamida e rendas sintéticas com elastano são as combinações mais empregadas na produção de calcinhas devido à união entre conforto, estética e funcionalidade.

2.3.1 - O algodão e a fibra sintética no contexto da moda íntima

O algodão, fibra natural amplamente utilizada no vestuário, destaca-se por sua boa absorção, respirabilidade e conforto ao toque, características que o tornam especialmente adequado para peças íntimas (SENAI, 2014; Pezzolo, 2007). Apresenta regain de aproximadamente 7,5%, o que evidencia sua elevada capacidade de absorção de umidade, contribuindo para a manutenção do conforto térmico e da sensação de frescor junto à pele. No contexto da moda íntima feminina, essa capacidade de regular a umidade e permitir ventilação favorece o bem-estar, sendo recomendado para uso prolongado e rotineiro. Esses atributos fazem com que o algodão seja associado a produtos que priorizam saúde e conforto.

As fibras sintéticas, como a poliamida e o poliéster, têm ganhado espaço a partir de avanços tecnológicos que aprimoraram sua suavidade, elasticidade e estética (Kuasne, 2008; SENAI, 2014). A poliamida apresenta regain em torno de 4,1%, valor superior ao do poliéster, que possui regain aproximado de 0,4%, indicando baixa absorção de umidade. Por apresentarem toque sedoso, rápida secagem e maior capacidade de conformação ao corpo, tornam-se ideais para peças de apelo visual, rendas, malhas finas e modelagens ajustadas. Na moda íntima, são amplamente utilizadas por possibilitarem leveza, variedade de acabamentos e melhor definição de design.

Embora diferentes, algodão e fibras sintéticas se complementam na produção de moda íntima. Enquanto o algodão se sobressai pelo conforto fisiológico, segurança e bem-estar, associado ao seu maior regain, as fibras sintéticas se destacam pela versatilidade estética, elasticidade, durabilidade e menor retenção de umidade (Giongo, 2012; Pezzolo, 2007). Na Figura 5, com base nos estudos de Pezzolo (2007) e no Manual Técnico Têxtil do SENAI (2014), apresenta-se uma síntese comparativa de suas principais propriedades.

Figura 5: Comparação entre algodão e fibras sintéticas na moda íntima

PROPRIEDADES	FIBRA NATURAL	FIBRA SINTÉTICA
ORIGEM	NATURAL	QUÍMICA (SINTÉTICA)
RESPIRABILIDADE	ALTA	MÉDIA A ALTA (DEPENDENDO DA TECNOLOGIA)
ABSORÇÃO DE UMIDADE	ALTA	BAIXA
TOQUE	MACIO, NATURAL	SEDOSO, LISO
CONFORTO TÉRMICO	EXCELENTE	CONTROLADO / VARIÁVEL
ELASTICIDADE	BAIXA (EXIGE ELASTANO)	ALTA (MESMO SEM ELASTANO)
DURABILIDADE	BOA	MUITO ALTA
ESTÉTICA	MAIS SIMPLES	MAIS VARIADA E SOFISTICADA
INDICAÇÃO DE USO	USO PROLONGADO, CONFORTO	DESIGN DELICADO, MODELAGENS AJUSTADAS

Fonte: elaborado pela autora (2025)

2.3.2 - Algodão

O algodão se estabelece como a espinha dorsal do mercado têxtil global (Silva; Hansen, 2005), sendo a fibra dominante e responsável por cerca de 60% dos insumos têxteis no país. Sua importância é histórica, sendo utilizada há mais de sete milênios e fundamental na evolução dos artigos têxteis devido às suas propriedades favoráveis aos processos de fabricação (Kuasne, 2008). A qualidade dessa fibra é determinada por aspectos como cor, espessura, comprimento e resistência.

Composto quase integralmente por celulose, aproximadamente 90%, o algodão é reconhecido por ser uma fibra higroscópica, ou seja, tem a capacidade de absorver a umidade do ambiente (Pereira, 2009). Essa característica é crucial tanto nos processos de tingimento, permitindo a aplicação de diversas classes de corantes, quanto no conforto. O algodão é altamente resistente a lavagens e apresenta boa elasticidade. Sua elevada capacidade de absorção e intumescimento faz com que possa reter até cerca de 50% do seu peso em água quando molhado (Kuasne, 2008).

O poder de absorção de umidade do algodão é o que o torna agradável em climas quentes, pois possibilita a troca de calor e umidade entre o corpo e o meio externo, favorecendo a transpiração. A capacidade de absorção pode ser aprimorada pelo processo de mercerização, um beneficiamento que, além de aumentar a afinidade com os corantes, confere um toque mais macio, minimiza o encolhimento e eleva o brilho e a resistência da fibra (Pereira, 2009).

2.3.3 - O Papel do Algodão na Moda Íntima e na Saúde Feminina

Atualmente, o foco da moda íntima feminina tem se voltado frequentemente para a sensualidade e o apelo fetichista, priorizando formas, recortes e tecidos que visam despertar o desejo sexual, por vezes em detrimento do bem-estar e da saúde (Pereira,

2009). Essa tendência faz com que muitas mulheres prefiram calcinhas de materiais sintéticos em detrimento das básicas de algodão, negligenciando os potenciais danos que tecidos inadequados podem causar à delicada região íntima. Como afirma Hawthorne (2009, p. 47), “Quando as mulheres tiverem a chance de tomar as rédeas das próprias vidas, mais provocantes e sensuais foram se tornando as roupas de baixo que elas usam”.

O entendimento da interação entre o tecido e o corpo é vital, visto que a qualidade do têxtil afeta diretamente a integridade da pele. A pele é o órgão responsável pela proteção, pela defesa microbiana e imunológica, e pela termorregulação, que é a manutenção da temperatura corporal ideal, significativamente influenciada pela evaporação do suor em contato com os tecidos (Wollina; Abdel-Naser; Verma, 2006).

O uso de vestuário impróprio, como peças muito apertadas, pode desencadear reações adversas, como a transpiração excessiva (hiperidrose). Temperaturas locais acima de 32 graus celsius podem afetar diretamente a liberação de neurotransmissores (Wollina; Abdel-Naser; Verma, 2006). A genitália feminina possui uma flora e pH singulares, e os hábitos contemporâneos da mulher moderna, somados ao uso de roupas justas e materiais inadequados, dificultam a respiração natural da pele e a troca de suor com o ambiente (Almeida *apud* Bolsa Saúde de Mulher, 2013).

É nesse contexto que o algodão se destaca na confecção de *lingerie*. Neves (2008) aponta que:

Atualmente, os tecidos feitos com algodão, são os mais usados na *lingerie*, pois possuem o preço baixo, além de serem confortáveis e permitirem a respiração da pele. Pode ser de diferentes gramaturas (sendo mais finos ou mais grossos), cores e estampas. O *cotton*, tecido em algodão muito usado na fabricação de roupas íntimas, recebe o fio de elastano, deixando a peça mais confortável, agradando a maioria das pessoas (Neves, 2008, P. 79).

O uso de peças íntimas feitas com tecidos sintéticos, por outro lado, eleva o aquecimento e a umidade local, o que altera o pH e favorece a proliferação de micro-organismos, potencializando o risco de infecções vaginais (Almeida *apud* Bolsa Saúde de Mulher, 2013). Em contrapartida, o algodão, por ser hidrófilo (alta capacidade de absorção), ajuda a manter a região arejada, saudável e confortável. Suas propriedades incluem a capacidade de respirabilidade, frescor, baixa incidência de alergias e a manutenção da saudabilidade do 'microclima' entre a peça íntima e a pele (Grasi, 2010). Este microclima, relacionado à transferência de calor e umidade, afeta diretamente as sensações de conforto térmico e fisiológico.

Além das propriedades intrínsecas, o algodão pode ser aprimorado com tecnologias têxteis. A nanotecnologia, por exemplo, é um investimento promissor (GARCIA, 2011) que permite inovar nas características químicas e físicas das fibras. Barrie Clemo (2005) afirma que o uso de engenharia química em escala nanométrica transformou o setor, possibilitando melhorias na qualidade e desempenho das fibras, como aumento de resistência, estabilidade e a incorporação de funcionalidades como controle de temperatura e funções bactericidas através da aplicação de íons de prata (Nanoprata ou prata Coloidal).

No campo da sustentabilidade, o algodão colorido se apresenta como uma alternativa promissora, especialmente para a moda íntima. Essa fibra, sendo renovável e naturalmente colorida, elimina a necessidade de corantes artificiais, o que reduz significativamente o consumo de água e gás no processamento, além dos efluentes que degradam o solo. Silva e Hansen (2005, p. 17) destacam que:

(...) o desenvolvimento genético de outras tonalidades de cores e os testes industriais processados com os algodões coloridos pode abrir novos mercados, inclusive para o algodão colorido orgânico (algodão produzido sem utilização de fertilizantes, inseticidas ou outros insumos químicos artificiais), bem como industrialização sem o uso de corantes sintéticos, para resultar num produto ecologicamente limpo, sem agressões ao homem e ao ambiente (Silva; Hansen, 2005, p.17).

2.3.4 - Fibra sintética

As fibras sintéticas constituem um grupo de materiais têxteis produzidos a partir de polímeros derivados do petróleo, obtidos por meio de processos químicos de polimerização. Diferentemente das fibras naturais, de origem vegetal, animal ou mineral, as sintéticas são inteiramente desenvolvidas em laboratório, o que lhes confere alta resistência mecânica, estabilidade dimensional e baixo custo de produção (NEGI, 2025). Entre os tipos mais comuns encontram-se o poliéster (PET), a poliamida (náilon), o acrílico e o elastano, amplamente utilizados pela indústria têxtil por suas propriedades técnicas, como resistência, leveza e elasticidade.

O poliéster é atualmente a fibra mais produzida e comercializada no mundo, destacando-se por sua durabilidade, estabilidade dimensional e facilidade de manutenção, já que quase não amassa e seca rapidamente. De acordo com Negi (2025), o poliéster apresenta excelente resistência à tração e ao desgaste, sendo indicado para tecidos de uso intenso, como roupas esportivas, casuais e de decoração. No entanto, por apresentar baixa absorção de umidade, tende a gerar sensação térmica menos confortável quando em contato direto e prolongado com a pele, sendo mais adequado em misturas com fibras naturais.

A poliamida é uma das fibras sintéticas mais utilizadas em roupas íntimas e esportivas. Possui toque macio, boa elasticidade e excelente ajuste ao corpo, além de apresentar maior respirabilidade em comparação ao poliéster (Hoang et al., 2021). Por isso, é amplamente empregada na confecção de *lingeries*, meias, roupas de banho e tecidos de compressão. Segundo Lykaki et al. (2024), as propriedades da poliamida favorecem o conforto térmico e o controle da umidade, contribuindo para uma sensação de leveza e frescor sobre a pele.

O elastano, também conhecido como spandex ou Lycra®, é uma fibra sintética de poliuretano caracterizada por sua alta elasticidade e recuperação dimensional. Quando combinado a outras fibras, como o algodão ou a poliamida, confere ao tecido grande capacidade de alongamento e retorno à forma original, proporcionando conforto e liberdade de movimento (*Frontiers in materials*, 2022). Essa fibra é essencial na produção de roupas que exigem aderência ao corpo, como moda íntima, *fitness* e *esportiva*.

Outra fibra sintética de destaque é o acrílico, que se assemelha à lã natural pelo aspecto e pelo toque, sendo amplamente utilizado em malhas e tricôs. Apesar de apresentar menor absorção de umidade, o acrílico oferece sensação de calor e maciez, além de ser leve e resistente à luz solar, o que o torna adequado para peças de inverno (*Recycling and degradation pathways*, 2024).

De modo geral, as fibras sintéticas se destacam por suas propriedades funcionais: são resistentes, duráveis, leves e versáteis, atendendo a diferentes necessidades do vestuário. Quando aplicadas em peças de uso íntimo ou esportivo, oferecem suporte, modelagem e desempenho, especialmente quando combinadas com fibras naturais, que melhoram a absorção e o conforto cutâneo. Assim, seu uso é estratégico na indústria têxtil,

pois permite equilibrar funcionalidade, estética e conforto, de acordo com o propósito da peça e o tipo de tecido desejado.

2.3.5 - Fibra sintética na moda íntima

A interação entre o tecido e a pele é um aspecto fundamental na escolha de materiais para a confecção de vestuário, especialmente em peças íntimas. De acordo com Hatch (1993), o conforto têxtil está diretamente relacionado à capacidade do material de manter o equilíbrio do microclima entre o corpo e a roupa, considerando temperatura, umidade e ventilação. Assim, tecidos naturais, como o algodão, demonstram vantagens em comparação às fibras sintéticas por apresentarem alta absorção de umidade e boa permeabilidade ao ar (Cheng et al., 2019).

O poliéster, fibra sintética amplamente utilizada na indústria têxtil, é reconhecido por sua resistência e durabilidade, porém apresenta limitações quanto à interação com a pele. Segundo Schmid et al. (2019), o poliéster altera o microclima cutâneo por reter calor e umidade, criando condições propícias ao desconforto e à irritação. O estudo comparativo demonstrou que superfícies de poliéster provocam maior umidade relativa e mudanças na estrutura da camada córnea, ao passo que o algodão preserva a integridade fisiológica da pele.

Além do desconforto térmico, estudos apontam que o poliéster pode favorecer o acúmulo de suor e microorganismos. Houska et al. (2014) constataram que tecidos de poliéster apresentaram maior crescimento bacteriano e odores mais intensos após atividade física, em comparação ao algodão. Tal resultado evidencia que o caráter hidrofóbico do poliéster dificulta a evaporação da transpiração, o que compromete a higiene e o bem-estar cutâneo.

A literatura dermatológica também associa o uso prolongado de tecidos sintéticos a reações adversas. Mizutani et al. (2017) observaram que pacientes com dermatite alérgica relataram maior prurido e vermelhidão em áreas de contato com tecidos de poliéster, indicando potencial irritativo e alérgico. Segundo Darlenski e Fluhr (2006), o microclima formado entre pele e vestuário sintético pode interferir na função de barreira cutânea, alterando a perda de água transepidermica e promovendo inflamações superficiais.

A revisão de Stingeni, Lapomarda e Lisi (2016) reforça que os corantes dispersos e os acabamentos químicos empregados em fibras como o poliéster são fatores de risco adicionais para dermatites de contato, especialmente na região genital e em peles sensíveis. Assim, não apenas a fibra em si, mas também o conjunto de substâncias associadas ao seu processamento industrial, pode impactar negativamente a saúde da pele.

O uso de tecidos sintéticos na confecção de roupas íntimas femininas tem sido amplamente debatido por sua influência no equilíbrio da microbiota vaginal. Um estudo recente conduzido por Ferreira et al. (2023) avaliou o efeito da respirabilidade dos tecidos das roupas íntimas sobre o microbioma vaginal, demonstrando que tecidos com menor ventilação, como o poliéster, aumentam a temperatura e a umidade local, o que favorece o crescimento microbiano e a ocorrência de infecções recorrentes.

Complementarmente, a revisão de Lopes e Martins (2024) sobre hábitos de higiene íntima feminina ressalta que roupas apertadas e materiais sintéticos estão entre os principais fatores predisponentes para irritações, dermatites e desequilíbrio do pH vulvovaginal. Tais achados sustentam a preferência por fibras naturais, como o algodão, que oferece maior respirabilidade, absorção e conforto fisiológico (*Cleveland clinic*, 2024).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Creswell (2010), o uso da metodologia mista permite integrar os dados numéricos e descritivos, favorecendo uma análise mais abrangente do fenômeno estudado. Assim, esta pesquisa adotou a combinação das abordagens quantitativa e qualitativa, buscando articular informações mensuráveis com interpretações subjetivas, o que possibilita compreender não apenas quais tecidos são preferidos pelas consumidoras, mas também por que essas escolhas ocorrem e como se relacionam à busca por bem-estar e saúde íntima feminina.

Para tanto, foi utilizada a abordagem quantitativa, por meio da aplicação de um questionário estruturado, elaborado na plataforma *Google Forms*. O instrumento contou com uma pergunta aberta e de múltipla escolhas, voltadas à coleta de dados objetivos sobre hábitos de consumo, frequência de uso e preferências em relação aos tecidos utilizados nas peças íntimas.

Os dados quantitativos foram organizados e analisados por meio da estatística descritiva, considerando frequências e percentuais. Para facilitar a interpretação visual e comparativa, os resultados das sete questões de múltipla escolha foram apresentados em gráficos ilustrativos com suas respectivas porcentagens, permitindo uma leitura clara das tendências e padrões identificados entre as participantes. Em complemento, aplicou-se a abordagem qualitativa, voltada à compreensão mais sensível e interpretativa das percepções e experiências das participantes. As questões abertas do questionário foram analisadas segundo a técnica de análise de conteúdo, conforme a proposta de Bardin (2011), possibilitando identificar significados, categorias e padrões recorrentes nas respostas.

A integração entre os métodos quantitativo e qualitativo permitiu cruzar dados objetivos com interpretações subjetivas, promovendo uma leitura mais profunda e contextualizada do fenômeno investigado. Conforme destacam Creswell e Plano Clark (2011), a combinação de métodos amplia a validade e a profundidade dos resultados, favorecendo uma análise mais integrada e significativa.

O questionário foi composto por 11 perguntas, sendo as três primeiras voltadas à caracterização do perfil sociodemográfico das participantes (idade, profissão e faixa de renda familiar). As oito questões subsequentes abordam o tema central do estudo: sete delas eram de múltipla escolha, de resposta obrigatória, e a última, aberta e optativa, convidava as participantes a expressarem livremente o que lhes vinha à mente ao ouvir o termo “saúde íntima da mulher”. A pesquisa foi aplicada de 7 de novembro de 2025 à 10 de novembro de 2025.

Do ponto de vista ético, embora não tenha sido utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) formalizado em campo específico, todos os preceitos éticos da pesquisa foram respeitados. O texto de divulgação do questionário, enviado a todas as participantes antes da coleta, cumpriu essa função ao apresentar de forma clara os pesquisadores responsáveis, a instituição vinculada, os objetivos do estudo, o tempo estimado de resposta, a garantia de sigilo e anonimato, o caráter voluntário da participação e o canal de contato para eventuais esclarecimentos. Assim, o preenchimento do questionário foi considerado como consentimento tácito das participantes.

Por fim, reconhece-se como limitação o fato de a amostra ter sido composta por conveniência, o que pode restringir a generalização dos resultados. Ainda assim, os dados

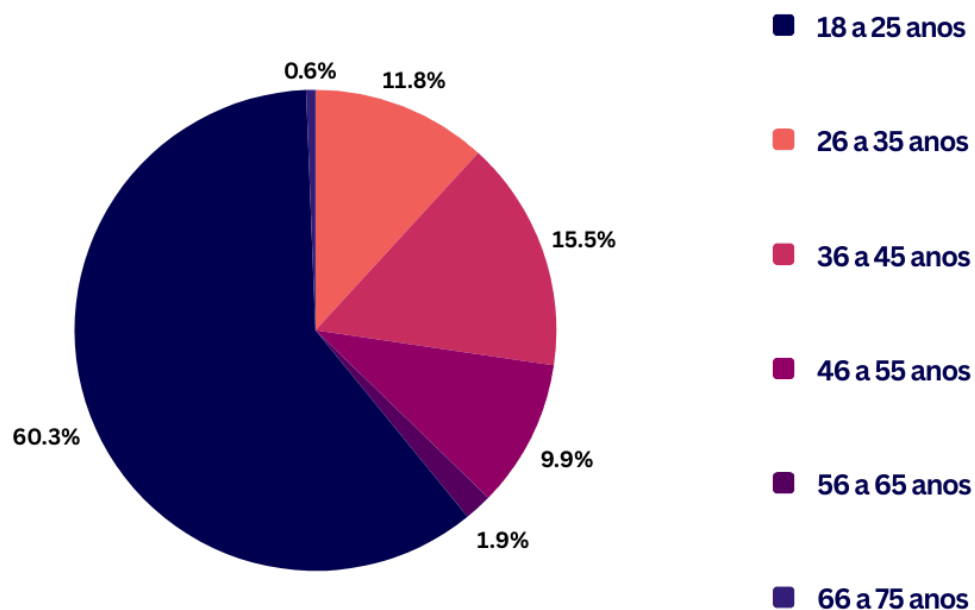
obtidos fornecem subsídios relevantes para compreender as percepções femininas acerca da relação entre o uso de tecidos nas peças íntimas, o conforto e a saúde íntima, contribuindo para discussões futuras sobre consumo consciente e bem-estar feminino.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo apresenta e discute os resultados obtidos por meio do questionário aplicado em 161 mulheres residentes de Jaraguá do sul (SC), contemplando diferentes dimensões relacionadas ao perfil socioeconômico das participantes, seus hábitos de compra, preferências quanto aos tecidos das calcinhas, percepções sobre o conforto e saúde íntima, além de aspectos comportamentais ligados ao consumo de *lingerie*. A pesquisa, realizada com mulheres de 18 a 75 anos, contou com a maior participação de respondentes de até 25 anos, que representou 97 participantes (60,3% - figura 6) do total. Foram consideradas apenas respostas completas de moradoras do município, assegurando a consistência dos dados. A coleta ocorreu de forma *online* entre os dias 07/11/2025 e 10/11/2025, com divulgação do questionário pelas redes sociais da pesquisadora, especialmente no recurso “melhores amigos” do *Instagram*, onde o link foi disponibilizado a 335 mulheres, e também via *WhatsApp*. Em ambos os canais, a disseminação foi realizada de maneira natural, transparente e com a apresentação clara dos objetivos do estudo, reforçando o caráter voluntário e anônimo da participação. A análise articula dados qualitativos e quantitativos, procurando dialogar com a literatura e com os objetivos propostos para a pesquisa.

Importante ressaltar que as 97 participantes de 18 a 25 anos, indicam que mulheres jovens estão mais engajadas em debates sobre saúde íntima e consumo consciente de moda íntima, o que reflete tendências comportamentais atuais orientadas à autonomia e ao autocuidado. Hawthorne (2009) observa que as escolhas relacionadas à *lingerie* são influenciadas pelo contexto cultural contemporâneo, no qual mulheres mais jovens assumem maior controle sobre sua estética e identidade. Ainda assim, a presença de diferentes faixas etárias enriquece a análise, permitindo observar padrões que atravessam gerações, sobretudo no que diz respeito à percepção do algodão como tecido mais saudável.

Figura 6: Perfil etário das participantes



Fonte: elaborado pela autora (2025)

Quanto à área de atuação, a distribuição evidencia a diversidade ocupacional das participantes, o que contribui para uma interpretação menos enviesada do comportamento de consumo. Na tabela 1, apresenta-se a categorização:

Tabela 1 – Áreas de atuação profissional das participantes

ÁREA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	RESPOSTAS	PERCENTUAL
Administração/Gestão	33	20,62%
Estudante/Estagiária	29	18,12%
Outros	26	16,25%
Saúde	14	8,75%
Moda e Criação	12	7,5%
Educação	11	6,88%
Empreendedorismo/Autônomas	10	6,25%
Marketing e Comunicação	7	4,38%
Serviços Gerais	7	4,38%
Engenharia e Técnica	6	3,12%
Jurídico e Público	4	2,5%
Tecnologia	2	1,25%

Fonte: elaborado pela autora (2025)

A predominância de estudantes e profissionais de gestão sugere forte presença de mulheres inseridas em ambientes informacionais dinâmicos, o que pode favorecer maior conscientização sobre temas de saúde. Entretanto, a multiplicidade de áreas indica que o tema da saúde íntima transcende perfis profissionais.

A maior parte das participantes situa-se na faixa de 3 a 5 salários mínimos (31,1%), seguida por 5 a 10 salários mínimos (25%) e 2 a 3 salários mínimos (21,9%). Essa distribuição indica um público predominantemente pertencente às classes médias. Esse dado é relevante porque a preferência por tecidos sintéticos, conforme discutido por Pereira (2008), pode estar relacionada à maior oferta de modelos atrativos e preços acessíveis, características comuns à indústria sintética. Ainda assim, observa-se que a renda intermediária não impediu que as respondentes demonstrassem conhecimento sobre o algodão como uma opção mais saudável, evidenciando um possível descompasso entre intenção de consumo e disponibilidade no mercado.

Os resultados também mostram que 55,3% das mulheres compram calcinhas a cada 3 a 6 meses, enquanto 39,1% realizam essa compra apenas uma vez ao ano, conforme podemos analisar na figura 7. Embora o volume de consumo não seja elevado, percebe-se uma certa regularidade na reposição das peças. Quanto ao local de compra, 44,7% preferem lojas especializadas em *lingerie*, o que indica a busca por qualidade, variedade e atendimento direcionado. Além disso, 27,3% optam por lojas de departamento e 19,3% realizam suas compras em plataformas *online* como *Shein* e *Shopee*.

Essa diversidade de canais reforça a análise de Pereira (2008) e Hawthorne (2009), que destacam que o mercado de *lingerie* é influenciado tanto por fatores estéticos quanto socioeconômicos. A presença expressiva do comércio *online* também evidencia uma mudança no comportamento de compra, marcada pela busca por preços acessíveis, grande variedade de produtos e tendências amplamente divulgadas nas redes sociais.

Figura 7: Hábitos de compra das participantes

HÁBITOS DE COMPRA:

FREQUÊNCIA DE COMPRA DE CALCINHAS NOVAS PELAS PARTICIPANTES:	LOCAL ONDE AS PARTICIPANTES COSTUMAM COMPRAR CALCINHAS:
A cada 3-6 meses - 55,3%	Lojas especializadas em <i>lingeries</i> - 44,7%
Uma vez por ano ou menos - 39,1%	Lojas de departamento (Renner, C&A, Marisa, Zara, etc.) - 27,3%
Uma vez por mês - 5,6%	Lojas como Shein e Shopee - 19,3%
	Outro - 8,7%

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Seguindo a linha da pesquisa, a maior parte das participantes (53% - figura) aponta o conforto como o principal critério de escolha, o que converge com a literatura sobre conforto têxtil (Hatch, 1993; Wollina et al., 2006).

Figura 8: Importância atribuída aos fatores de escolhas das calcinhas



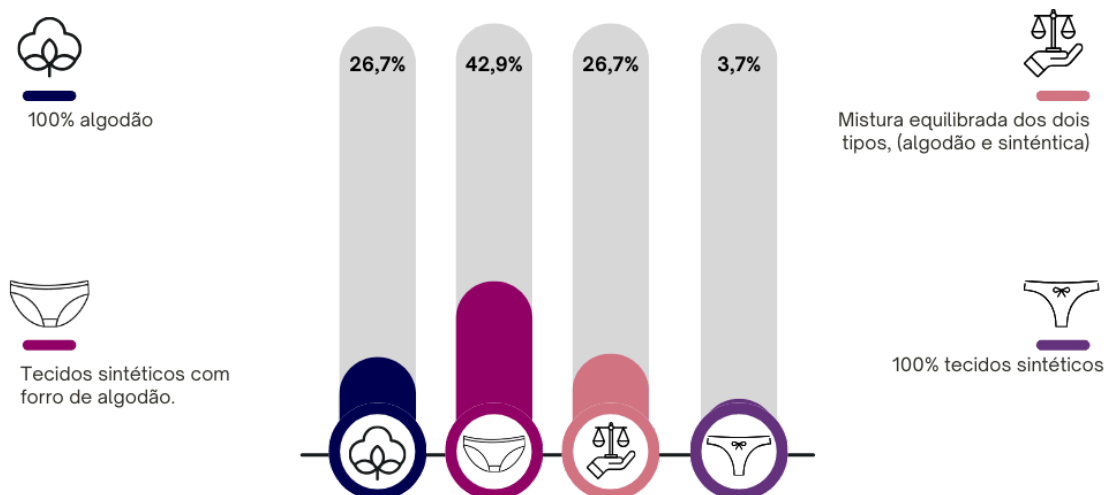
Fonte: elaborado pela autora (2025)

Por outro lado, 19% valorizam a estética do modelo e 19% olham diretamente para a composição do tecido. Essa dualidade confirma o tensionamento descrito por Pereira (2008): a indústria frequentemente privilegia o apelo sensual em detrimento da funcionalidade para a saúde, mas o público demonstra crescente busca por equilíbrio entre estética e bem-estar. Ainda assim, 54,7% não verificam a etiqueta do tecido antes da compra. Esse dado dialoga com Marques e Lugão (2022), que apontam a persistência da desinformação sobre cuidados íntimos e a baixa instrução sobre materiais têxteis aplicados à moda íntima.

Dando sequência à análise dos hábitos de consumo, observa-se que a predominância de calcinhas sintéticas é um aspecto marcante entre as participantes: 42,9% conforme a figura 9, afirmam utilizar peças de tecido sintético com forro de algodão, enquanto 3,7% utilizam modelos totalmente sintéticos, sem qualquer forro natural. Em contraste, apenas 26,7% possuem um guarda-roupa composto predominantemente por calcinhas de algodão.

Figura 9: Principais tipos de calcinhas presentes no vestuário das participantes

TIPO DE CALCINHA PREDOMINANTE NO GUARDA-ROUPA DAS PARTICIPANTES



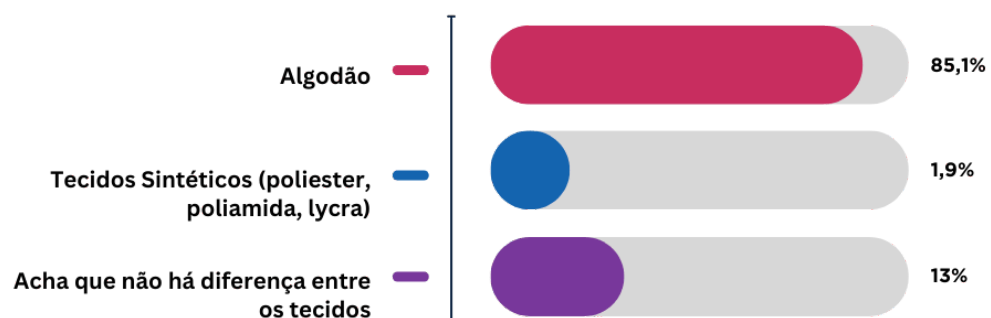
Fonte: elaborado pela autora (2025)

Essa preferência pelo material sintético pode estar relacionada a fatores como a maior variedade estética oferecida por esses tecidos (Pereira, 2008; Hawthorne, 2009), à modelagem mais ajustada proporcionada pelo elastano (Frontiers in Materials, 2022) e ao apelo de sensualidade reforçado pela cultura contemporânea. Contudo, a literatura aponta riscos importantes associados ao uso frequente de fibras sintéticas, como a retenção de umidade, o aumento de temperatura e a alteração do microclima vulvovaginal em tecidos como poliéster e determinadas poliamidas (Schmid et al., 2019; Houska et al., 2014; Ferreira et al., 2023), condições que podem favorecer irritações, odores e maior proliferação microbiana. Essa percepção aparece, inclusive, nos relatos abertos das próprias participantes.

No que diz respeito à relação das consumidoras com os tecidos das calcinhas, e considerando que a pergunta permitia mais de uma resposta, os dados revelam diferentes experiências de desconforto associadas ao uso de materiais sintéticos. Ao todo, 69 respondentes relataram sensação de abafamento ou umidade, efeito amplamente descrito na literatura dermatológica e ginecológica (Houska et al., 2014; Wollina et al., 2006). Além disso, 43 participantes mencionaram episódios de coceira ou irritação na região íntima, o que converge com Mizutani et al. (2017), que identificam irritações e vermelhidão relacionadas ao poliéster, e com Darlenski e Fluhr (2006), que discutem alterações da barreira cutânea provocadas por tecidos sintéticos. Observam-se ainda que 27 relatos de aumento de corrimento e outros 27 de odor forte, evidências que dialogam com Stingeni et al. (2016) sobre dermatites associadas a corantes e acabamentos têxteis, além das reflexões de Lopes e Martins (2024) sobre desequilíbrios gerados por roupas íntimas justas ou de composição não natural. Por outro lado, 45 respondentes afirmaram nunca ter apresentado problemas ou não associar desconfortos ao tipo de tecido, possibilidade que pode estar relacionada ao uso de peças sintéticas com forro de algodão, ou a sensibilidade da pele ou a hábitos de higiene que favorecem o equilíbrio da microbiota íntima, exemplo: troca de calcinha durante o dia.

Figura 10: Percepção das participantes sobre o tecido mais adequado para a saúde íntima

PERCEPÇÃO SOBRE O TECIDO MAIS BENÉFICO PARA À SAÚDE ÍNTIMA:

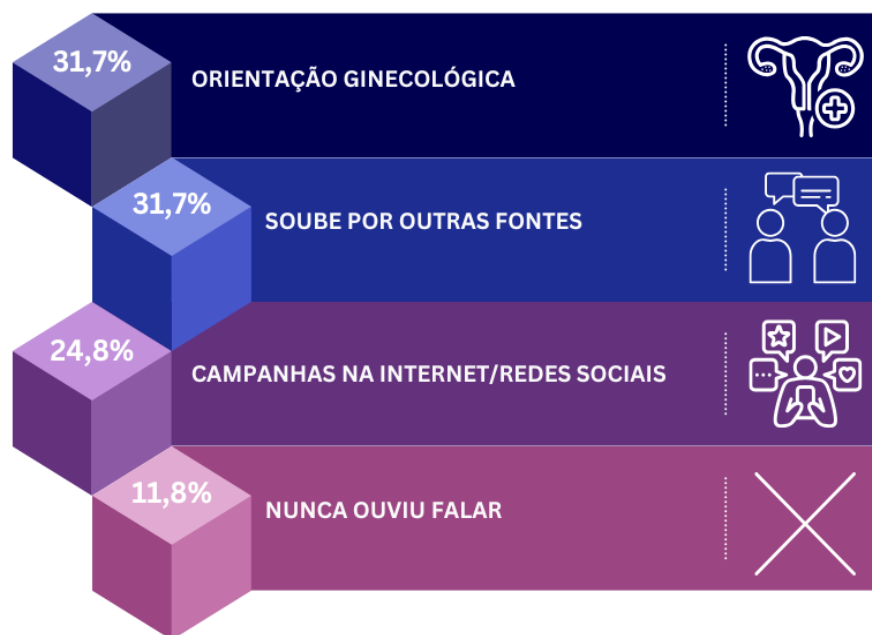


Fonte: elaborado pela autora (2025)

De forma expressiva, 85,1% das participantes afirmam que o algodão é o tecido mais benéfico para a saúde íntima, percepção que converge com o consenso da literatura dermatológica e ginecológica. Isso se deve às características intrínsecas da fibra, que é hidrófila, favorece a absorção do suor, previne a umidade excessiva e mantém o microclima equilibrado (Gasi, 2010), além de reduzir riscos de irritações e infecções (Cleveland Clinic, 2024) e permitir adequada ventilação e controle térmico (Neves, 2008). O reconhecimento desses benefícios indica que o desafio não está no desconhecimento das usuárias, mas na escassez de opções de modelos, conforto e saúde no mercado, questão aprofundada nos blocos seguintes.

Apesar da percepção positiva sobre o algodão podemos analisar na figura 11, que 31,7% só ouviram falar sobre o assunto de forma informal, e 11,8% nunca ouviram nada a respeito. Isso reforça a queixa presente nas respostas qualitativas: falta de campanhas públicas, ausência de orientação sistemática e dificuldade de acesso a informações confiáveis sobre saúde íntima, especialmente para classes mais baixas, como apontaram algumas participantes.

Figura 11: Origem do conhecimento das participantes sobre a calcinha de algodão

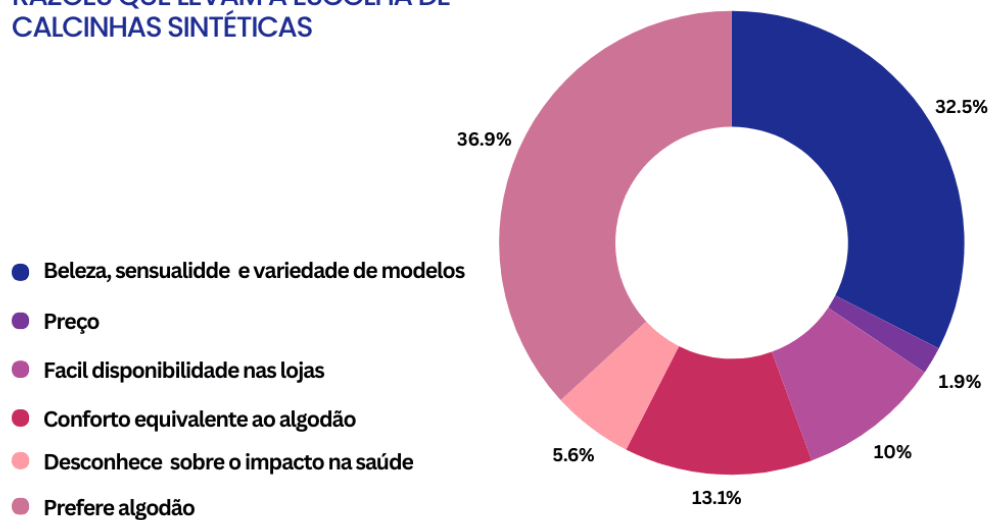


Fonte: elaborado pela autora (2025)

Esses dados estão em consonância com Marques e Lugão (2022), que destacam a carência histórica de educação sobre saúde íntima, resultando em decisões de consumo pouco conscientes.

Figura 12: Fatores que influenciam a escolha de calcinhas de tecido sintético

RAZÕES QUE LEVAM A ESCOLHA DE CALCINHAS SINTÉTICAS

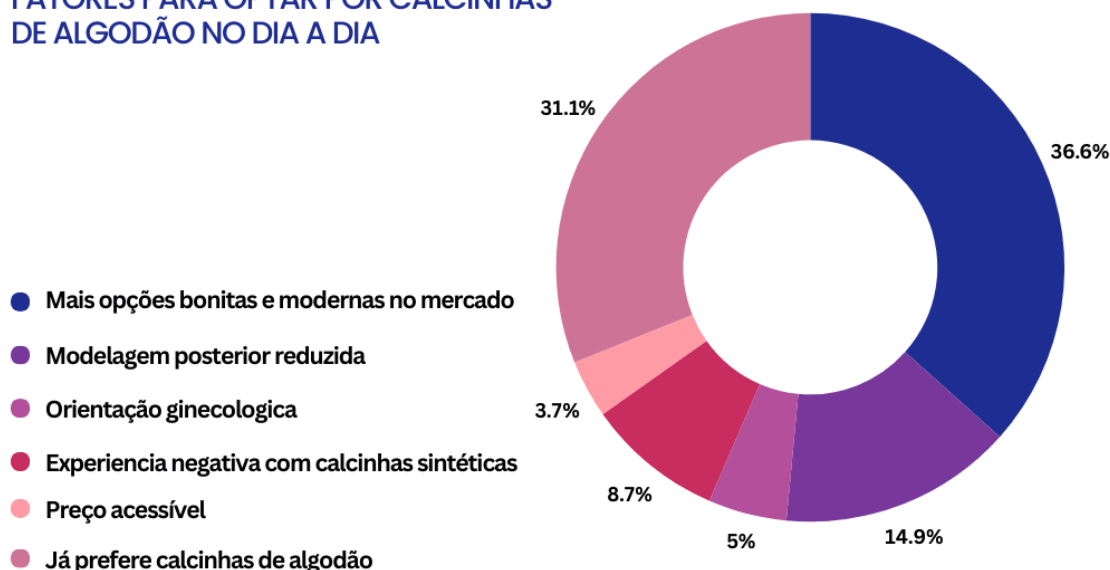


Fonte: elaborado pela autora (2025)

Conforme a figura 12 as razões que levam parte das participantes a escolher calcinhas sintéticas revela principalmente a influência do apelo estético na decisão de compra: 32,5% apontam a beleza, a sensualidade e a variedade de modelos como motivadores centrais, o que mostra como o imaginário visual construído pela indústria segue desempenhando papel significativo. Outros fatores aparecem com menor relevância, como a facilidade de encontrar essas peças nas lojas (10%), a percepção de conforto semelhante ao algodão (13,1%) e o preço (1,9%). Além disso, 5,6% indicam não conhecer os impactos do tecido sintético sobre a saúde íntima, enquanto 36,9% afirmam preferir o algodão mesmo quando selecionam modelos sintéticos, o que sugere certa ambivalência entre preferência pessoal e disponibilidade de produtos.

Figura 13: Fatores que influenciaram a escolha pela calcinha de algodão

FATORES PARA OPTAR POR CALCINHAS DE ALGODÃO NO DIA A DIA



Fonte: elaborado pela autora (2025)

Na figura 13, a pergunta sobre quais fatores levariam as consumidoras a optar por calcinhas de algodão no dia a dia complementa esse cenário ao indicar caminhos possíveis para superar essa ambivalência. O dado mais expressivo é que 36,6% adotariam o algodão caso houvesse mais opções bonitas e modernas, evidenciando que a questão não está necessariamente no material, mas no design oferecido pelo mercado. Outros elementos reforçam essa percepção, como o desejo por modelagens posteriores reduzidas (14,9%), experiências negativas anteriores com sintéticos (8,7%) e orientações ginecológicas (5%). Além disso, 31,1% já preferem o algodão no cotidiano, o que aponta para uma demanda existente, porém ainda pouco atendida esteticamente. Assim, os dois conjuntos de respostas se complementam ao demonstrar que a escolha entre sintético e algodão não é fixa, mas influenciada pela disponibilidade de modelos que agregam estética, conforto e saúde íntima.

Para aprofundar a compreensão sobre as percepções das participantes, foi incluída uma pergunta aberta que buscou identificar o que lhes vem à mente quando se fala em saúde íntima da mulher. As respostas livres revelaram diferentes associações, que vão desde cuidados básicos de higiene e prevenção até noções de autocuidado, bem-estar e atenção ao próprio corpo. Também apareceram menções à falta de informação, à presença de tabus e a riscos ou sintomas que ainda geram preocupação. A organização desses relatos permitiu reunir termos semelhantes em categorias temáticas, apresentadas na tabela a seguir:

Figura 14: Percepções das participantes em relação a saúde íntima da mulher

CATEGORIAS	TERMOS MENCIONADOS	TOTAL DE MENÇÕES
HIGIENE E PREVENÇÃO	Higiene, higienização, prevenção, infecções, candidíase, corrimentos, odor, umidade;	65
AUTOCUIDADO E BEM-ESTAR	Cuidado, autocuidado, conforto, bem-estar, autoestima, autoconhecimento;	40
DESINFORMAÇÃO E TABU	Tubu, falta de informação, orientações insuficientes, escassez de campanhas;	12
RISCOS E SINTOMAS	Infecções, alergias, odores, ISTs, riscos e desequilíbrios;	25

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Observa-se que o fato de o conforto ter sido o principal critério de escolha converge com o entendimento de Hatch (1993), que explica que tecidos capazes de regular temperatura, ventilação e umidade tendem a proporcionar melhores sensações térmicas e fisiológicas. Os relatos de abafamento e umidade associados aos sintéticos reforçam o que Wollinz e Verma (2006) apontam sobre o impacto de materiais pouco permeáveis no microclima da pele, confirmando que a experiência das participantes acompanha o que a literatura descreve.

Da mesma forma, a preferência por calcinhas sintéticas, mesmo quando acompanhada de desconfortos, dialoga com Pereira (2008) e Hawthorne (2009), que destacam o papel do apelo estético e da sensualidade na moda íntima. Os episódios de coceira, irritação e odores relatados pelas respondentes também são compatíveis com evidências de Mizutani et al. (2017), Darlenski e Fluhr (2006) e Houska et al. (2014), que descrevem efeitos irritativos e maior proliferação microbiana em tecidos sintéticos pouco respiráveis.

Por fim, o fato de 85,1% considerarem o algodão o tecido mais benéfico confirma as vantagens apontadas por Gasi (2010) e Neves (2008), que ressaltam sua respirabilidade e capacidade de absorção, essenciais para manter o equilíbrio térmico na região íntima. Ainda assim, a constatação de que muitas participantes receberam essas informações apenas informalmente reforça a observação de Marques e Lugão (2022) sobre a carência de orientação adequada sobre saúde íntima em relação à matéria têxtil das calcinhas.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa alcançou seu objetivo de analisar a percepção das usuárias sobre o uso de calcinhas de algodão em comparação às confeccionadas em tecidos sintéticos, permitindo compreender tanto os impactos percebidos na saúde íntima quanto os fatores

que influenciam suas escolhas. Por meio do questionário *online*, foi possível investigar motivações, hábitos de consumo, experiências positivas e negativas, além das associações espontâneas das participantes sobre o tema. As respostas obtidas forneceram base suficiente para responder às questões propostas, demonstrando como esses materiais são percebidos e quais elementos estéticos, funcionais e informacionais, orientam a decisão de compra.

Os resultados demonstraram que a maioria das participantes reconhece o algodão como o tecido mais adequado ao uso cotidiano, principalmente por proporcionar maior respirabilidade, conforto térmico e equilíbrio ao microclima íntimo. Apesar disso, identificou-se que as *lingeries* sintéticas ainda predominam no guarda-roupa das usuárias. Essa desconexão entre conhecimento e prática não está relacionada a uma rejeição ao algodão, mas à ausência de produtos que unem saúde, estética e bem-estar. Muitas participantes relataram que escolheriam calcinhas de algodão com mais frequência, caso houvesse mais modelos visualmente atrativos, modernos e desenvolvidos com modelagens que valorizassem o corpo feminino.

Também se constatou que uma parcela significativa das mulheres já experimentou desconfortos associados ao uso de tecidos sintéticos, como abafamento, odor, irritações e aumento de corrimento, reforçando a importância de repensar os materiais presentes na moda íntima. Ainda assim, o apelo visual dos sintéticos, a oferta limitada de peças de algodão e a influência cultural exercida pelo mercado acabam direcionando as escolhas de consumo.

Com base nesses achados, conclui-se que existe uma demanda latente e pouco atendida por calcinhas de algodão que unem conforto fisiológico, modelagens anatômicas, estética contemporânea e acessibilidade. O algodão não deve ser associado unicamente ao básico, mas percebido como uma base versátil para o desenvolvimento de peças que respeitem as necessidades do corpo feminino e acompanhem seu cotidiano. O estudo reforça, portanto, a relevância de avançar no desenvolvimento de *lingeries* que integrem funcionalidade e identidade estética, contribuindo para o bem-estar e para a saúde íntima das mulheres.

Diante dos resultados obtidos, sugere-se que pesquisas futuras avancem em quatro direções principais: o desenvolvimento de produtos que explorem novas modelagens anatômicas em algodão e avaliem sua aceitação; comparações experimentais entre tecidos, analisando parâmetros como respirabilidade absorção e contato físico; estudos aprofundados sobre o comportamento de consumo, especialmente no que se refere à relação entre estética, autoestima e preferências por materiais sintéticos; e investigações voltadas à educação em saúde íntima, examinando como campanhas podem influenciar nas escolhas das consumidoras.

Nesse percurso, a realização desta pesquisa também representou uma experiência significativa de aprendizado pessoal e acadêmico, ao longo da construção do trabalho, pude entender melhor a relação entre os materiais das calcinhas, a saúde íntima e as escolhas que as mulheres fazem no dia a dia, o que ampliou meu olhar para temas que antes eu não considerava com tanta profundidade. Analisar as respostas, organizar as categorias e interpretar cada percepção das participantes foi uma experiência que me envolveu me fazendo refletir sobre a importância de informações claras e acessíveis. Essa jornada me permitiu crescer, desenvolver novas habilidades e reconhecer o valor de pesquisas que conectam moda, cuidado e saúde.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me fortalecer em cada etapa desta jornada. À minha família, em especial meu pai Valdir, minha mãe Sandra e meus irmãos Mariana e Mateus, deixo minha gratidão mais sincera. Obrigada por cada palavra de incentivo, por cada gesto de amor e por nunca deixarem de acreditar no meu potencial, mesmo quando eu duvidava de mim. Ao meu namorado, Nicolas, agradeço pela paciência, compreensão e por caminhar comigo nos momentos mais desafiadores, sendo apoio, calma e motivação quando mais precisei. E à minha orientadora, Daiane, expressei meu profundo reconhecimento. Sua orientação sensível, dedicada e sempre acolhedora foi essencial para que este trabalho ganhasse forma. Obrigada por acreditar no meu processo, por cada sugestão cuidadosa e por contribuir de maneira tão significativa para este sonho que hoje se realiza.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rosiane Pereira; MARTINS, Laura Bezerra. O sutiã e seus precursores: uma análise estrutural e diacrônica. *Moda Palavra*, v. 11, n. 22, p. 459-482, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br>.

BARBIER, Muriel; BOUCHER, Shazia. *The story of lingerie*. New York: Parkstone Press USA, 2000.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRAGA, João. Histórias cintura marcada: do marimbondo, da vespa ou do pilão? *Dobra[s]: Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda*, v. 5, n. 12, p. 32-34, 2012. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/91/91>.

BRAGA, João. *Reflexões sobre a moda*. v. II. 2. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2007.

BRÁS, Maria. *Moda íntima e identidade feminina: entre o conforto e a estética*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2016.

CLEVELAND CLINIC. *Feminine hygiene and clothing recommendations*. Cleveland, 2024. Disponível em: <https://my.clevelandclinic.org/obj>.

CHENG, J. et al. Clothing Thermophysiological Comfort: A Textile Science Perspective. *Textiles*, v. 3, n. 4, p. 383–402, 2019.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRESWELL, John W.; PLANO CLARK, Vicki L. *Designing and Conducting Mixed Methods Research*. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2011.

DARLENSKI, R.; FLUHR, J. W. Textiles and human skin: Microclimate, cutaneous reactions, an overview. *Contact Dermatitis*, v. 54, n. 1, p. 1–10, 2006.

DIAMANTINO, Joana Filipa Reis. *O prazer de vestir: a importância do erotismo na presença da moda feminina*. 2018. Dissertação (Mestrado em Design de Moda) – Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2018. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/9889/1/6320_13401.pdf. Acesso em: 13 jul. 2021.

FERREIRA, Ana Paula. *Impactos dos tecidos sintéticos na saúde íntima feminina*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.

FERREIRA, T.; SILVA, L.; MORAES, P. Assessing the effect of underwear fabric and breathability on the vaginal microbiome. *Journal of Women's Health Research*, v. 12, n. 2, p. 45–54, 2023.

FRONTIERS IN MATERIALS. Recent progress in biobased synthetic textile fibers. 2022. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fmats.2022.1098590/full>. Acesso em: 5 nov. 2025.

GARCIA, Claudia. *História dos espartilhos*. 2010. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/espartilho_historia.htm.

GIONGO, Marina A. *Diretrizes de projeto para design de calcinhas: um estudo com ênfase na percepção de conforto*. 2012. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/76182>.

GIONGO, Marina Anderle; SOUZA, Carolina de Cássia de; VAN DER LINDEN, Júlio Carlos de Souza. *Percepção de conforto em lingerie: um estudo com grupos focais*. In: VIII COLÓQUIO DE MODA, Rio de Janeiro, 2011.

GIRALDO, Paulo César. A flora vaginal normal e patológica. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 5, p. 231–239, 2005.

GIRALDO, Paulo César et al. Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, v. 35, n. 9, set. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-72032013000900004>.

HATCH, K. L. *Textile Science*. 2. ed. New York: Macmillan, 1993.

HAWTHORNE, Rosemary. *Knickers: an intimate appraisal*. London: Souvenir Press, 1991.

HOANG, T. et al. Strategies and progress in synthetic textile fiber biodegradability. *SN Applied Sciences*, [s. l.], v. 4, art. 22, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s42452-021-04851-7>.

HOUSKA, J. et al. Microbial odor profile of polyester and cotton clothes after a fitness session. *Applied and Environmental Microbiology*, v. 80, n. 20, p. 6360–6368, 2014.

JONES, Sue Jenkyn. *Fashion design. Manual do estilista*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

KUASNE, Ângela. *Fibras têxteis*. Araranguá: Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina, 2008. Disponível em: https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/8/88/Apostila_fibras.pdf.

LOPES, M.; MARTINS, D. Feminine intimate hygiene: A review of healthy and unhealthy habits in women. *International Journal of Gynecological Health*, v. 31, n. 1, p. 10–18, 2024.

LYKAKI, M. et al. Review on the biodegradation of textiles in the environment. *Environmental Toxicology and Chemistry*, [s. l.], 2024. Advance online publication. DOI: <https://doi.org/10.1093/etjnl/vgaf229/8254428>.

MARQUES, Júlia; LUGÃO, Carla. *Higiene íntima feminina: entre cultura, saúde e consumo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022.

MIZUTANI, K. et al. Influence of chemical fiber on skin of allergic dermatitis. *Human & Clinical Science*, v. 27, p. 210–218, 2017.

NEVES, Érika Pereira; BRIGATTO, Aline Cristina; PASCHOARELLI, Luís Carlos. Moda íntima: uma abordagem acerca dos aspectos de usabilidade. *Human Factors in Design*, v. 4, n. 8, p. 58-75, nov. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/hfd/article/view/6656>.

OLIVEIRA, Fernanda; FRANCO, Juliana; SANTOS, Laura. Avaliação microbiológica de tecidos utilizados em roupas íntimas femininas. *Revista de Saúde e Moda*, v. 3, n. 2, p. 45–56, 2021.

OLIVEIRA, Grazielle Silva. *Percepção do conforto/desconforto por mulheres operadoras de caixa de supermercado e suas implicações para o design de calcinhas*. 2014. Monografia (Graduação em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/31021/1/OLIVEIRA%2C%20Grazielle%20Silva%20de.pdf>.

PEZZOLO, Dinah Bueno. *Tecidos: história, tramas, tipos e usos*. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

PESSOA, Juliana Bezerra Gomes de Pinho. *Jeans no segmento de moda íntima*. 2012. Dissertação (Mestrado em Design e Marketing) – Universidade do Minho, Portugal, 2012. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/22369/1/disserta%C3%A7%C3%A3o%20Juliana%20Bezerra%20Gomes%20de%20Pinho%20Pessoa%202012.pdf>.

QUEIROZ, Júlia Carla; ROCHA, Maria Alice Vasconcelos. Reflexões sobre roupas íntimas femininas: ergonomia e consumo. In: XX CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA DOMÉSTICA, 2009, Fortaleza. Anais do XIX Congresso Brasileiro de Economia Doméstica. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/gt10/gt10_19.pdf.

RECYCLING AND DEGRADATION PATHWAYS OF SYNTHETIC TEXTILE FIBERS SUCH AS POLYAMIDE AND ELASTANE. PubMed, [s. l.], 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40255241>. Acesso em: 5 nov. 2025.

SCOTT, Lesley. Lingerie: da antiguidade à cultura pop. Barueri: Manole, 2013.

SENA, Taísa Vieira. A construção da identidade masculina contemporânea por meio da roupa íntima. Disponível em: <https://docplayer.com.br/13239131-A-construcao-da-identidade-masculina-contemporanea-por-meio-da-roupa-intima.html>.

SENAI. Manual técnico: têxtil e vestuário. São Paulo: SENAI FIESP, 2014.

SCHMID, D. et al. Influence of polyester spacer fabric, cotton, chloroprene rubber, and silicone on microclimatic and morphologic physiologic skin parameters in vivo. *Skin Research and Technology*, v. 25, n. 3, p. 307–315, 2019.

SILVA, Simone Alves; HANSEN, Daniela de Souza. Apostilas didáticas: cultura do algodão, café, cacau, dendê e seringueira. Universidade Federal da Bahia, 2005. Disponível em: <http://www.culturasregionais.ufba.br/>.

SOUZA, Carolina de Cássia de; GIONGO, Marina Anderle; HEINRICH, Daiane Pletsch. Conjecturas entre história, imagem corporal e sedução na lingerie feminina. In: VII COLÓQUIO DE MODA, Maringá, 2011. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202011/GT08/Poster/P_90425Conjecturas_entre_historia_imagem_corporal_e_seducao_na_lingerie_feminina.pdf.

STINGENI, L.; LAPOMARDA, V.; LISI, P. Genital contact allergy: A diagnosis missed. *Dermatitis*, v. 27, n. 5, p. 265–272, 2016.

WOLLINA, U.; ABDEL-NASER, M. B.; VERMA, S. Skin Physiology and Textiles: Consideration of Basic Interactions. In: HIPLER, U. C.; ELSNER, P. *Biofunctional Textiles and the Skin*. Basel; Karger, 2006. p. 1-16.